



Portugal

O social-democrata recorda que graças aos alertas do SIS mais de 500 pessoas foram impedidas de entrar em Portugal

O eurodeputado do PSD defende a utilização de dados biométricos pelo Sistema de Informação Schengen (SIS) – que classifica como a “melhor base” de dados criminais – para localizar suspeitos e responder a desafios como o regresso à Europa dos jihadistas que partiram para a Síria ou o tráfico de seres humanos.

Esta reforma prevê o recurso a impressões digitais ou ao ADN de suspeitos. Isso será suficiente para prevenir as ameaças à Europa?

Suficiente nunca será, mas será muito mais eficiente. Quando passámos do SIS de primeira geração para o de segunda, introduzimos os dados biométricos para validar identidades. Havia um Carlos Coelho de outro país qualquer que tinha uma sinalização e eu para passar numa fronteira podia ter de provar que não era esse Carlos Coelho, aquilo que tecnicamente se chama a síndrome de John Smith. A reforma que queremos fazer é o contrário: usar os dados biométricos para a identificação. Não se trata de uma intromissão na esfera privada?

Não, se isto for tutelado judicialmente. Este SIS terá não apenas indicações colocadas pelos Estados-mem-

brós, com tutela judicial, mas também o controlo das autoridades de protecção de dados, quer da europeia, o European Data Protection Supervisor (EDPS), quer das nacionais. **O problema resolve-se com mais bases de dados? É que já há muitas (o SIS, o Sistema de Informação de Vistos, o Eurodac, etc.)...**

A pulsão securitária está muito traduzida na multiplicação de anúncios de novas bases – o Entry-Exit System, o PNR e por aí fora –, que não

Entrevista

CARLOS COELHO

Vai liderar a reforma da maior base de dados europeia para controlo de fronteiras e combate ao crime. Mas não exclui outros cenários. Por Octávio Lousada Oliveira

“Admito a criação de um FBI europeu”

“A Europa pode receber 1% da sua população em refugiados? Pode, com certeza”

estarão disponíveis em menos de cinco, 10 anos, vão custar quantidades astronómicas de dinheiro e cuja mais-valia é discutível. É mais inteligente aproveitar o que já existe e melhorar essas potencialidades. **Circulam no espaço Schengen 830 mil pessoas procuradas pelas autoridades. Mesmo assim não acha necessário um novo sistema?** Em 2016, barrámos a entrada no espaço Schengen a meio milhão de pessoas e encontramos 200 mil que

estavam a ser procuradas. O sistema é suficientemente eficaz. Se falar com um responsável policial, ele vai dizer-lhe que a melhor base é o SIS. **Como se pode melhorar a cooperação entre serviços de informação e forças de segurança dos Estados que integram o SIS?**

Pode melhorar o facto de não depender da arbitrariedade de cada Estado-membro na colocação de dados – alguns que têm valor de segurança reforçado serem obrigatórios. Dou o exemplo das crianças: as que correm o risco de ser raptadas não têm hoje um alerta especial. E isso pode não apenas evitar que sejam raptadas, mas que se desconstruam redes de tráfico.

É uma medida que quer implementar?

Com certeza.

Deve ser criado um FBI, ou uma CIA, para a Europa?

Não tenho nada contra, admito que sim. Não estou a colocar isso em cima da mesa neste momento, não acho que seja a prioridade. Podemos ser eficazes no combate ao crime com melhor colaboração entre as autoridades e já temos plataformas que asseguram essa cooperação, o Eurojust e o Europol. Não excludo a vantagem de ocorrer no futuro, mas vamos ver se é ou não necessário.

Grupos como o Estado Islâmico recrutam com facilidade pessoas nascidas cá. Como se combate a radicalização nos nossos bairros?

Temos de prevenir a radicalização e precisamos de ter soluções eficientes de integração dos descendentes de imigrantes de países terceiros. Se tivermos melhores sistemas de integração, teremos menores razões para termos guetos e fenómenos de exclusão. E temos de combater o discurso de ódio, ter atenção à pulverização pela Internet de fóruns de radicalização e a utilização das religiões para esses fóruns e também a radicalização nas prisões.

Como se previne o regresso à Europa dos chamados combatentes terroristas estrangeiros?

Há uns que vêm desiludidos, que temos de desradicalizar e permitir a reinserção; temos de jogar com as famílias, que são as principais inte-

ressadas em retirá-los de lá, e com autoridades religiosas moderadas que não querem a associação do islão ao terrorismo. Noutros, temos de ter respostas criminais. Se do Iraque, da Síria ou de onde for, vier um cidadão europeu com discurso de ódio e quiser praticar actividades terroristas cá, temos de o identificar, deter, levar a tribunal e penalizar. Se não formos capazes de distinguir isso, estaremos a cometer um de dois erros: a considerar que são todos bonzinhos e a permitir que haja terroristas no nosso seio ou a achar que são todos criminosos e a levar os inocentes a pagar pelos pecadores.

Alguma vez a UE vai conseguir lidar com a pressão migratória?

A Europa está preparada para absorver 10% da sua população em refugiados? Acho que não. Estaríamos a falar de 50 milhões de pessoas. Pode receber 1%? Com certeza. Com duas condições: a primeira é que sejamos capazes de distinguir se são mesmo refugiados, se não estamos perante outros fenómenos migratórios; e, em segundo lugar, se não for apenas um problema dos países do Sul, isto é, se houver uma distribuição pela Europa toda. Se cada Estado-membro ajudar, somos capazes. Aliás, desde o início do fluxo migratório entraram 1,6 milhões de pessoas, pouco mais de 0,3% da população europeia.

Em 2016, 537 estrangeiros foram barrados nas fronteiras portuguesas devido a alertas do SIS. Isto pode ser visto como alarmismo?

No SIS, os alertas para a recusa de entrada não são caprichos. É em nome da segurança. As pessoas devem pensar que o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras está a funcionar bem, que as fronteiras portuguesas estão seguras e que os alertas europeus estão a ser seguidos.

É favorável a que as secretas acedam aos metadados dos suspeitos de terrorismo e espionagem?

Depende do uso que for feito. Em casos-limite, não me oponho; se houver uma generalização, como acontece nos EUA, em que há uma devassa das comunicações de quase toda a gente, acho um exagero. Se houver tutela judicial, eu, como cidadão, estou descansado. ■